

# SOBRE A RELAÇÃO TRABALHO-EDUCAÇÃO NUMA PERSPECTIVA ONTOLOGICA

Epitácio Macário<sup>1</sup>

## RESUMO

Este ensaio objetiva mostrar o princípio educativo do trabalho a partir de uma análise ontológica. A exploração da categoria trabalho demonstra que este comporta sempre dois tipos de teleologias: primárias e secundárias. Aquelas ligadas à natureza; estas dirigidas ao próprio homem. Conclui-se, portanto, que o trabalho cria o mundo objetivo e subjetivo simultaneamente e, ao engendrar a subjetividade, desencadeia, no ser do trabalho, um processo educativo-formativo. Logo, o trabalho constitui, *em-si*, princípio educativo.

## RÉSUMÉ

Ce texte a comme objectif montrer le principe éducatif du travail à partir d'une analyse ontologique. L'étude de la catégorie travail montre qu'il est constitué toujours de deux types de téléologies: primaires et secondaires. La première est liée à la nature; l'autre, à l'homme. On conclut que le travail crée le monde objectif au même temps qu'il crée la subjectivité. En produisant la subjectivité, il met en mouvement, dans l'être du travail, un processus éducatif-formatif. D'où on conclut que le travail constitue, en soi, un principe éducatif.

---

<sup>1</sup> Mestre em educação pela UFC; membro do grupo integrado de pesquisa do núcleo trabalho e educação da UFC, rede Unitrabalho e Instituto do Movimento Operário (IMO) da UECE

## DOS MOTIVOS DESTE TRABALHO

A relação trabalho-educação já conta com uma literatura ampla no Brasil. São vários os núcleos de pesquisadores que se ocupam dessa temática. Com algumas variações de enfoque, o que é vital para uma maior aproximação da realidade, a produção teórica de tais núcleos tem trazido contribuições importantíssimas. Seja na apreensão de como se articulam os nexos entre a categoria trabalho e a educação (análise mais filosófica), seja na explicitação de como se tem configurado esta relação nas formações sociais distintas e no interior do capitalismo contemporâneo (abordagem mais histórico-sociológica), estes pesquisadores vêm contribuindo, decisivamente, com uma maior compreensão do fenômeno educativo enquanto interconectado com a dinâmica sócio-produtiva.

Em meio a essa literatura, aquelas abordagens que se ocupam em demonstrar o princípio educativo do trabalho (abordagem filosófica) são as que mais me<sup>\*</sup> instigam. E isso porque, como principiante na pesquisa educacional, venho<sup>\*</sup> procurando entender onde, por que e como se interconectam as duas categorias em destaque, ou seja, minha <sup>\*</sup>preocupação é apreender como o trabalho, *em-si*, é educativo ou como a educação tem sua origem no e pelo trabalho. De fato, não encontrei<sup>\*</sup>, ainda, uma resposta satisfatória<sup>2</sup>.

Não bastasse essa ânsia por compreensão, entrei<sup>\*</sup> em contato com um trabalho intitulado *Relação trabalho/educação numa perspectiva ontológica marxiana*, publicado nos Anais do XIII EPEN, de autoria de Maria Edna de Lima Bertoldo. Tanto o título do artigo como a introdução que faz a autora somaram-se a algumas hipóteses que já vinha aventando enquanto elaborava minha dissertação de mestrado. E isso porque, tal como Bertoldo, entendo que a relação trabalho-educação — com efeito, a resposta àquelas questões acima aludidas — só pode ser apanhada, decisivamente, a partir da ontologia do trabalho, precisamente a ontologia marxiana.

Mas nesse ponto, esbarro num obstáculo: parece que Marx, ainda que tenha assentado as *origens da ontologia do ser social* — reconhecendo o trabalho como a categoria fundante desta esfera do ser — não fez um desdobramento dos nexos ontológicos que constituem o trabalho e que o fazem ser o fator fundador da socialidade<sup>3</sup>. Com isso quero dizer: Marx desenvolveu sua teoria da atividade

<sup>2</sup> Claro fique que não estou debitando unicamente à literatura que conheço a causa dessa insuficiência. Esse fato deve-se, também, aos meus limites intelectuais, culturais e a outras circunstâncias que cercam e determinam o alcance da compreensão de todo pesquisador.

<sup>3</sup> A obra de István Mészáros, *Marx: a teoria da alienação* e a de Celso Frederico, *O jovem Marx*, trazem uma elucidação acerca do que seria a origem da ontologia do ser social em Marx.

(trabalho) que faz do homem um *ser automegador da natureza*, isto é, um ser que se autofunda pelo trabalho, porém não fez uma demonstração desta atividade, mostrando seus momentos constitutivos. Chegou a demonstrar que o trabalho comporta dois momentos distintos e imbricados: o ideal e o material. Entretanto, esse nível de desdobramento da categoria ainda não nos permite ir muito longe na derivação de outros complexos constitutivos do ser social como a ética, a fala, a moral, a educação.

Com base nas formulações *marxianas* pode-se entender o trabalho como o centro da fundação do ser social, o que já nos capacita a derivar que o complexo da educação tenha seu nascimento no e através dele. Com isso podemos afirmar que o trabalho é, em princípio, fator educativo. Mas, nesse nível de argumentação, ainda não fica demonstrado tal fato, persistindo minha dúvida *quase infantil*. Como se pode demonstrar esse princípio educativo do trabalho?

A resposta a esta indagação nos força a desdobrar a categoria trabalho mostrando: i) como ela é a única a comparecer na passagem (no salto) da esfera biológica à social e ii) como ela exige, como momento seu, um processo educativo. Só assim, imagino, pode-se esclarecer como, no plano ontológico do ser, o trabalho constitui-se num princípio educativo. Por outro lado, pode-se mostrar como o complexo da educação vincula-se ao trabalho, tendo nele sua razão de ser.

É aqui que emerge a necessidade de se entender o trabalho nos seus nexos constitutivos. Isso nos<sup>\*</sup> força a procurar esclarecimentos em outro autor que, na nossa compreensão, desenvolveu aquilo que está pressuposto na teoria do trabalho em Marx. Trata-se de Györg Lukács. Nosso entendimento é que Lukács deu substância filosófica à categoria trabalho, desdobrando-a, e isso nos proporciona estabelecer o momento ontoconstitutivo da educação e, ainda mais, demonstrar como o trabalho é, *em si*, princípio educativo.

Nesse sentido e até este ponto, concordamos com Bertoldo, pois esta pesquisadora parece querer trilhar também este caminho. Não obstante, o seu artigo não consegue galgar estes degraus, deixando assim prejudicada a análise que, segundo seu título, promete realizar. Nosso interesse, aqui, é contribuir com o andamento desse desdobramento e, quiçá, colaborar no esclarecimento do fenômeno em epígrafe. Também como Bertoldo, procuramos derivar as hipóteses que aqui apontaremos a partir do capítulo da Ontologia onde Lukács trata do trabalho. Utilizaremos também passagens do próprio Marx nessa demonstração, já que, no nosso entendimento, não há relação de ruptura e/ou contradição entre os dois pensadores, neste particular. Antes, o tipo de relação entre os dois é de complementariedade: o que está pressuposto na teoria marxiana é desdobrado por Lukács.

Seguimos, para tanto, os seguintes passos: Num primeiro momento, demonstraremos como é a categoria trabalho a única a comparecer no salto da esfera animal (orgânica) para a do ser social. O segundo passo será demonstrar

quais os nexos constitutivos do trabalho — a teleologia e a causalidade — além de discorrer sobre os dois tipos de teleologia comparecentes nos atos de trabalho — as primárias e as secundárias. Desdobrada assim a categoria trabalho, mostraremos onde emerge e opera a educação enquanto exigência do próprio trabalho. Ficará demonstrado, portanto, como o trabalho é, *em si*, princípio educativo, já que sua efetividade dispara no ser um voltar-se sobre si mesmo, dirigindo seus impulsos naturais, criando novas aptidões — educando-se.

## O LUGAR DO TRABALHO NA CONSTITUIÇÃO DA SOCIABILIDADE

Por que a análise da socialibilidade deve começar pela categoria trabalho? Por que o trabalho ocupa lugar privilegiado nessa análise? É dessas questões que parte Lukács para argumentar a centralidade que ocupa o trabalho no engendramento da vida social humana. A resposta, em termos ontológicos, é mais fácil, diz Lukács, do que se imagina e pode ser assim elaborada:

“... todas as outras categorias desta forma de ser [ser social] têm, essencialmente, já um caráter social; suas propriedades e seus modos de operar somente se desdobram no ser social já constituído; quaisquer manifestações deles, ainda que sejam muito primitivas, pressupõem o salto como já acontecido.”<sup>4</sup>

Observe-se que o ser social é um *complexo de complexos*, devendo-se ter claro que seu engendramento pela atividade do trabalho não o reduz a este. Não obstante, é a atividade finalista do trabalho que traz, em si, as determinações basilares do homem e os outros complexos constitutivos desta forma de ser só emergem quando o homem já está constituído. Este é o caso de complexos importantes na determinação da vida humana como a ética, a fala, a moral, a educação. Elas são categorias do ser já eminentemente sociais. Apenas uma categoria exibe um caráter fundamentalmente intermediário na emersão do ser do homem: o trabalho. Isso porque, diz Lukács,

“... ele é, essencialmente, uma interrelação entre homem (sociedade) e natureza, tanto inorgânica (utensílios, matéria-prima, objeto do trabalho, etc.) como orgânica, interrelação que (...) assinala a passagem, no homem que trabalha, do ser meramente biológico ao ser social.”<sup>5</sup>

<sup>4</sup> *Ontologia*, pp. 13-14, “... tutte le altre categorie di questa forma d'essere hanno per loro essenza già carattere sociale; le loro proprietà e i loro modi de operare si dispiegano solo nell'essere sociale già costituito; il loro manifestar-si, anche quando sia estremamente primitivo, presuppone sempre il salto come già avvenuto.”

<sup>5</sup> *Idem*. p. 14 “... esso è per sua essenza una interrelazione fra uomo (società) e natura, sia inorganica (arnese, materia prima, oggetto del lavoro, ecc.) che organica, interrelazione

Ora, o homem como ser natural que é tem que responder às necessidades de sobrevivência. E ele o faz através da atividade do trabalho. É precisamente no caráter, na forma e no conteúdo dessa atividade que reside o momento diferenciador do homem em referência às esferas naturais. Esta atividade faz dele um ser *automediador da natureza*, ou seja, ele é um ser natural que se autoconstrói a partir de sua relação com a natureza externa e consigo mesmo. Nesse sentido, o trabalho é o fator criador da esfera social, constituindo uma sua necessidade ontológica de existência.<sup>6</sup> Logo, a decifração dessa categoria revelará a essência humana, isto é, aquilo que ontologicamente faz do homem um ser pertencente a uma esfera superior às naturais.

Como ato-momento que engendra o ser social, o trabalho reúne em si as determinações fundamentais da vida humana. Nesse exato sentido, todo complexo que entra na constituição e desenvolvimento do ser do homem tem no trabalho seu momento fundante. Eis porque o desvendamento de qualquer dos complexos que constituem a socialidade deve ser investigado a partir do trabalho, da sua relação com esta atividade fundadora da esfera social, pois, como nos diz o próprio filósofo húngaro, "... No trabalho estão gravadas *in nuce* todas as determinações que (...) constituem a essência de tudo que é novo no ser social. Deste modo, o trabalho pode ser considerado o fenômeno originário, o modelo do ser social."<sup>7</sup>

A partir daqui, depois de argumentado em torno da centralidade que a atividade do trabalho ocupa na constituição do ser social, pode-se perseguir o desdobramento dessa categoria para demonstrar onde, por que e como emerge, a partir dela, o complexo da educação. É isso que faremos agora.

## TRABALHO: ATO DE PÔR TELEOLÓGICO

Deve-se notar, primeiramente, que o homem é um ser natural, objetivo, assim como as plantas e os animais. Como tal, ele é um ser sofredor, um ser de carecimentos, um ser que se move em meio a necessidades. Todavia, ele é um ser que responde<sup>8</sup> a estes carecimentos e o faz de uma maneira ímpar: a resposta não é imediata, mecânica, instintiva; é sempre articulada conscientemente. Para Lukács,

---

che /.../ contassegna il passaggio nell'uomo che lavora dall'essere meramente biologico a quello sociale."

<sup>6</sup> Aqui Lukács reafirma o postulado marxiano segundo o qual o trabalho (como produtor de valor de uso) é eterna condição de existência do homem.

<sup>7</sup> *Idem*, p. 14, "... Il lavoro sono prenti *in nuce* tutte le determinazioni che /.../ costituiscono l'essenza di quanto nell'essere sociale è nuovo. Il lavoro, quindi, può essere considerato il fenomeno originario, il modello dell'essere sociale".

<sup>8</sup> Ver Lukács, *As bases...*, p. 5, para quem "Com justa razão se pode designar o homem que trabalha, ou seja, o animal tornado homem através do trabalho, como um ser que dá respostas."

o homem é um ser que dá resposta precisamente na medida em que transforma em pergunta tanto o carecimento que o impele à ação, como as possibilidades de satisfazê-lo.<sup>9</sup> Nesse sentido, "... não apenas a resposta, mas também a pergunta é um produto imediato da consciência que guia a atividade."<sup>10</sup> É precisamente por se tratar de uma resposta articulada conscientemente que o ser humano é capaz de dirigir seus impulsos e sua atividade para um fim específico; é por isso que ele é o único ser capacitado a criar novidades, a produzir seus meios de existência. E aqui reside a peculiaridade da atividade que define o homem e que o impulsiona a patamares de socialidade cada vez mais elevados e articulados.

Nesse ponto, estamos nos movendo no interior daquela comparação que faz Marx entre o trabalho da abelha e o do arquiteto. Para o pensador alemão, o que distingue essencialmente estes dois tipos de *trabalho* é o fato de o arquiteto ter antecipado idealmente o resultado da sua atividade, o que não ocorre com a abelha. Esta age por instinto; aquele, guiado pela consciência. Instintivamente, a abelha sempre construirá sua colmeia da mesma forma; conscientemente, o arquiteto (re)criará sempre de forma totalmente nova a sua construção. Numa palavra, a resposta dada aos carecimentos, no ser humano, uma vez mediada pela consciência, engendra sempre uma forma de objetividade sem par na natureza — uma objetividade totalmente nova.

Nessa célebre passagem de Marx, o trabalho é entendido como atividade finalista constituída de dois momentos distintos: o ideal e o material. Para Lukács, a relação efetiva desses dois momentos consiste no seguinte: "... um projeto ideal se realiza materialmente, uma finalidade pensada transforma a realidade material, insere na realidade algo de material que, no confronto com a natureza, apresenta algo de qualitativamente e radicalmente novo."<sup>11</sup>

Aqui já emergem claramente, *cum grano salis*, as duas categorias que compõem o ato de trabalho: a teleologia (prévia ideação, momento ideal) e a causalidade (momento material). A finalidade é colocada no plano da consciência, porém se não se efetivar materialmente, se não se exercer sobre a matéria que quer transformar, não gera nada de novo, não resulta em nenhuma objetividade. Por

<sup>9</sup> Lukács, *As bases...*, p. 5.

<sup>10</sup> *Idem.* "... todavia, isso não anula o fato de que o ato de responder é o elemento ontologicamente primário nesse complexo dinâmico."

<sup>11</sup> *Ontologia...*, p. 25, invocando a tradição aristotélica, apropriada e desdobrada por Nicolai Hartman, Lukács refere-se à relação entre os dois momentos constitutivos do trabalho afirmando que esta consiste, essencialmente, no seguinte: "... un progetto ideale perviene ad attuarsi materialmente, una finalità pensata transforma la realtà materiale; immette nella realtà qualcosa di materiale che, nei conforti della natura, presenta alcunché di qualitativamente e radicalmente nuovo."

isso, precisamente no plano ontológico, tal ato de consciência não corresponde a uma posição teleológica.<sup>12</sup>

Logo se vê que a posição teleológica não se realiza num vazio de determinações porque i) é sempre dirigida a uma ação futura; ii) tem de ser realizada praticamente, sob pena de suprimir-se a si mesma e iii) isso exige que a causalidade natural da matéria seja transformada de acordo com o fim idealizado. Com efeito, o momento ideal no interior do trabalho se subdivide em posição do fim e busca dos meios de operacionalização.<sup>13</sup> Em outras palavras, colocada uma finalidade, emergem imediatamente as seguintes necessidades: i) investigar o objeto sobre o qual quer atuar, apanhando, no seu *em si*, suas propriedades; ii) descobrir formas possíveis de combinar tais propriedades; iii) elaborar o projeto e as estratégias de intervenção prática; iv) escolher os instrumentos adequados, etc.<sup>14</sup>

Com a passagem da mera potência (prévia ideação) à ação prático-material, o sujeito imprime num objeto externo seu pensamento, seu afeto, sua subjetividade. Assim sendo, a objetividade resultante de tal ato constitui um ente total e radicalmente novo. Isso não significa, entretanto, que no novo ente haja uma determinação absoluta da subjetividade que colocou a posição teleológica; não quer dizer que se trate de uma invenção pertencente totalmente ao plano das idéias e que, por isso, possa ser tido como totalmente novo. O tipo de objetividade surgido de um ato de trabalho é síntese inextrincável da subjetividade e da materialidade,

---

<sup>12</sup> Uma discussão assaz importante é feita por Lukács quando tenta demonstrar que a teleologia só ocorre no interior do trabalho e, com efeito, *mutatis mutandi*, na praxis social. O momento ideal nesse sentido não trata de algo exterior à realidade dos homens, como também não pode comparecer no restante da natureza. Ele é fruto do enfrentamento dos carecimentos do ser social, portanto, é um momento pertencente à ordem material onde se realizam a produção e reprodução da vida humana. Ver Sérgio Lessa no seu *Trabalho e ser social*, mormente caps. II e VI.

<sup>13</sup> Lukács tributa a Hartman esta subdivisão e afirma que ela é da maior importância para se compreender o processo de trabalho e o seu papel fundamental na criação do ser social.

<sup>14</sup> Para Lukács, em *Ontologia...*, p. 26, "... la ricerca ha una duplice funzione: da un lato mettere in luce quel che in-sé, independentemente da ogni coscienza, governa gli oggetti in questione; dall'altro scoprire in essi quelle nuove combinazioni, quelle nuove possibili funzione, che sole, quando vengano messe in moto, rendono attuabile il fine teleologicamente posto." [a busca (dos meios) tem uma dupla função: de um lado evidenciar aquilo que governa os objetos em questão independentemente de toda consciência; de outro lado, descobrir neles aquelas novas conexões, aquelas novas possíveis funções que, quando postas em movimento, tornam efetivável o fim teleologicamente posto." Observe-se que aqui se origina a ciência, pois a busca dos meios implica o conhecimento do objeto nas suas propriedades imanentes além do que exige a criação de instrumentos e métodos (técnica) adequados à transformação da realidade objetiva.

isto é, a ação humana o que faz é mudar, combinar as formas e as propriedades da fração da natureza sobre a qual atua, porém, sem jamais eliminar absolutamente as determinações naturais da matéria. O que quer se dizer com isso é que o trabalho **afasta as barreiras naturais** do objeto sobre o qual atua, transformando uma *causalidade dada* em uma *causalidade posta*, porém as propriedades imanentes dessa causalidade continuam a operar.<sup>15</sup>

É mister frisar, de conformidade com Lukács, que o processo do pôr teleológico é sempre de caráter alternativo, isto é, todo ato de trabalho exhibe, desde o início, uma processualidade levada a cabo a partir de decisões entre alternativas presentes na realidade. Isto é facilmente demonstrável quando se tem em vista atos comuns da vida cotidiana como, por exemplo, ir à feira: sentida a necessidade, o homem ou a mulher coloca a finalidade (fazer as compras na feira); esta finalidade trata de uma escolha entre outras necessidades que urgem no cotidiano desta pessoa. Posta a finalidade, resta estabelecer a melhor forma de realizá-la praticamente. Nesse momento, centenas de possibilidades perfilam-se na mente do indivíduo e ele tem de escolher uma delas para efetivar a ação de ir à feira. Até mesmo na hora de sair rumo ao local da feira a pessoa tem de escolher os utensílios que lhe servirão de ajuda no manejo com as mercadorias que vai adquirir. Logo se percebe que o caráter de alternativa envolve toda ação consciente do ser humano. Por outro lado, fica claro que tais alternativas não tratam de uma construção abstrata, ideal no sentido puro, pois elas i) emergem face à necessidade e ii) já operam na própria realidade presente. Nesse exato sentido o caráter de alternativas que caracteriza o trabalho humano (e por extensão toda a *praxis* social) não se dá num vazio de determinações. Assegura Lukács:

“... É precisamente o processo social real, do qual emergem tanto as finalidades quanto a busca e a aplicação dos meios, que determina, delimitando-o concretamente, o espaço das perguntas e respostas possíveis, das alternativas que podem ser realmente transformadas em prática.”<sup>16</sup>

Os desdobramentos até aqui feitos podem ser assim resumidos: o carecimento material impulsiona o homem a procurar respondê-lo; tanto o carecimento como a resposta são transformados em pergunta, via consciência; assim, o ser social põe uma finalidade que para se efetivar exige o estabelecimento

<sup>15</sup> Tomemos como exemplo uma locomotiva. Ainda que a matéria que a constitui (o ferro) haja sido sobremaneira afastada do seu estado natural (causalidade dada), suas propriedades continuam a operar provocando o enferrujamento, o desgaste e o rompimento de peças, exigindo atividades de reparo, consertos, substituição etc.

<sup>16</sup> *Ontologia...*, p. 49: “... È per l'appunto il processo sociale reale, da cui emergono tanto le finalità quanto il reperimento e l'applicazione dei mezzi, che determina, delimitando in concreto, lo spazio delle possibili domande e risposte, delle alternative che possono realmente essere tradotte in pratica.”

de meios; e, por fim, é desenvolvida uma ação prática sobre a causalidade dada, transformando-a em causalidade posta. Surge desse processo um ente radicalmente novo. Em outras palavras, este processo resulta num afastamento das barreiras naturais da fração da natureza sobre a qual atua o complexo do trabalho, transformando-a num tipo de objetividade jamais possível no plano natural. Por outro lado, este processo de transformação é sempre marcado pelo caráter de alternativas.

Ora, é preciso notar, todavia, que este processo de transformação da natureza, desenvolvido através do trabalho, não resulta na transformação — no afastamento das barreiras naturais — apenas do lado do objeto. Também o homem que opera o ato sofre transformações. Aquilo que se passa com o objeto de trabalho, ocorre, também, *mutatis mutandi*, com o sujeito. Com efeito, o ato de pôr teleológico desencadeado no e através do trabalho não tem apenas a natureza externa por objeto, mas também o homem que põe e efetiva a finalidade. Com isso quer-se dizer: no desenvolvimento do trabalho comparecem sempre e necessariamente dois tipos de teleologias: aquelas que tencionam a natureza, a matéria sobre a qual querem operar, e aquelas que se voltam sobre o próprio sujeito que trabalha. O ato de trabalho, pois, só pode efetivar-se tendo por base uma finalidade tendente ao mundo exterior, à natureza externa, ao passo que exige do sujeito que o opera uma direção finalista, consciente, de si próprio, dos seus movimentos, do seu corpo, da sua atenção, dos seus impulsos, da sua vontade. Nesse sentido, o trabalho é fator que medeia o homem (sociedade) com a natureza, consigo mesmo (subjetividade) e com a os outros (sociedade). É precisamente nesse ponto que se pode demonstrar como o complexo educativo radica-se no trabalho, enquanto necessidade ontológica.

## TELEOLOGIA SECUNDÁRIA: A RAIZ ONTOLÓGICA DA EDUCAÇÃO

Comecemos por argumentar que o processo de efetivação de uma teleologia dirigida a um objeto externo exige, como momento seu, o desabrochar de teleologias dirigidas ao próprio sujeito da ação. O ato de trabalho exercido sobre uma fração da natureza retroage, portanto, sobre o sujeito, pondo em andamento, nele próprio, transformações *análogas* às que ocorrem com a natureza. Marx afirma que, ao trabalhar, o homem

“... Põe em movimento as forças naturais de seu corpo, braços e pernas, cabeça e mãos, a fim de apropriar-se dos recursos da natureza, imprimindo-lhes forma útil à vida humana. Atuando assim sobre a natureza externa e modificando-a, ao mesmo tempo modifica sua própria natureza. Desenvolve

as potencialidades nela adormecidas e submete ao seu domínio o jogo das forças naturais.”<sup>17</sup>

Além do desenvolvimento físico do sujeito, a atividade do trabalho subordina ao projeto pré-ideado sua subjetividade, pois, como argumenta Marx, “... Além do esforço dos órgãos que trabalham, é mister a vontade adequada que se manifesta através da atenção durante todo o curso do trabalho”<sup>18</sup>. Parafrazeando Lukács, pode-se dizer que a ativação do ato de trabalho exige que o sujeito *pense seus movimentos e os execute em contínua luta contra aquilo que há nele de meramente instintivo, contra si mesmo*.<sup>19</sup> Assim sendo, ao voltar-se à natureza, ao tentar imprimir na objetividade seu projeto pré-ideado, o sujeito funda e desenvolve sua subjetividade, volta-se sobre si mesmo, imprimindo em si mesmo disposições, dirigindo sua vontade.

Com isso, claro fica que em todo ato de trabalho comparecem, desde o início, dois tipos de posição teleológica, que Lukács chamou de primárias e secundárias. Aquelas, dirigidas à natureza; estas, dirigidas ao próprio ser que trabalha. Em outras palavras, a ativação do trabalho como móvel, que relaciona o homem (sociedade) com a natureza, desencadeia um processo simultâneo em que o sujeito tem de voltar-se sobre si mesmo. O domínio do homem sobre si mesmo é, de fato, um pressuposto imprescindível para o sucesso do trabalho. É o próprio Lukács quem diz:

“O homem foi definido como o animal que constrói os seus próprios utensílios. É correto, mas é preciso acrescentar que construir e usar instrumentos implica necessariamente, como pressuposto imprescindível para o sucesso do trabalho, que o homem tenha domínio sobre si mesmo. Esse também é um momento do salto a que nos referimos; da saída do homem da

<sup>17</sup> *O Capital*, L I, v. I, p. 202. Negritos meus.

<sup>18</sup> *Idem*.

<sup>19</sup> *Ontologia...*, p. 52, referindo-se ao ato de fabricação de uma faca ou de um machado de pedra pelo homem primitivo, assevera Lukács: “... Infatti quel che avviene con l'essere naturale della pietra, il quale è totalmente eterogeneo rispetto al suo uso come coltello ou scure e può subire questa trasformazione solo in quanto l'uomo pone delle catene causali correttamente conosciute, avviene anche nell'uomo stesso con i suoi movimenti, ecc., in origine biologico-istintivi. L'uomo deve pensarli appositamente per quel determinato lavoro ed eseguirli in lotta perenne contro quel che vi è in lui stesso di meramente istintivo, contro se stesso.” [Com efeito, aquilo que acontece com o ser natural da pedra e que é totalmente heterogêneo com relação ao seu uso como faca ou como machado, podendo sofrer essa transformação somente quando o homem põe as cadeias causais corretamente conhecidas, acontece também com os seus movimentos, etc, na sua origem, biológico-istintivos. O homem deve pensá-los expressamente para aquele determinado trabalho e executá-los em contínua luta contra aquilo que há nele de meramente instintivo, contra si mesmo.].

existência puramente animalesca. (...) Também sob este aspecto o trabalho se revela como o instrumento da autocriação do homem como homem. Como ser biológico, ele é um produto do desenvolvimento natural. Com a sua auto-realização, que também implica, obviamente, nele mesmo um retrocesso das barreiras naturais, embora jamais um completo desaparecimento delas, ele ingressa num novo ser, autofundado: o ser social.”<sup>20</sup>

Desdobrando as afirmações acima, pode-se derivar que o complexo da educação tem sua origem e seu lugar de atuação aí, nas teleologias secundárias e, ademais, surge como uma necessidade ontológica colocada pelo trabalho. Não é demais frisar que este adequar-se, dirigir seus próprios instintos e impulsos — exigências do próprio trabalho — é um movimento que perfaz os grandes objetivos da educação no sentido de formação humana. Por outro lado, este desenvolver conscientemente as suas capacidades e potências adormecidas, tornando-se um ser sempre mais criativo e capaz, são outros tantos fins do processo educacional. Para resumir, este afastamento das barreiras naturais do ser humano, ativado no e pelo trabalho, trata do fim último da formação humana. Nesse exato sentido, o trabalho é, *em si*, princípio educativo e, por outro lado, é o processo de trabalho que põe a necessidade da fundação do complexo da educação.

Mas, *nota bene*: tais afirmações não nos devem levar ao engano de considerar que toda a *práxis* social humana reduz-se ao trabalho, donde não se pode entender o complexo educacional, mormente nas formações sociais desenvolvidas, como idêntico e restrito ao trabalho e/ou tampouco direta e mecanicamente determinado pelo trabalho. Argumentemos um pouco sobre esta relação mediada entre esfera do trabalho e complexo educativo.

Tragamos para a processualidade real esta discussão. As posições teleológicas primárias são aquelas que relacionam homem (sociedade) e natureza, isto é, elas perfazem o que chamamos de atividade econômica. Já as posições teleológicas secundárias constituem o conjunto das atividades não econômicas que compõem a *práxis* social. Estas posições têm, portanto, os homens por objeto e não a natureza. São teleologias efetivadas sobre outras teleologias, ou seja, trata-se da

<sup>20</sup> *Ontologia*, p. 54: “... L’uomo è stato definito l’animale che si costruisce i propri arnesi. Ed è giusto, ma bisogna aggiungere che costruire e usare arnesi comporta per forza di cose, come irrinunciabile presupposto di un lavoro riuscito, che l’uomo sia padrone di se stesso. Anche questo è un momento del salto da noi descritto, dell’uscita dell’uomo dall’esistenza puramente animalesca. /.../ Anche sotto questo profilo, dunque, il lavoro si revela il veicolo dell’autocrearsi dell’uomo come uomo. In quanto ente biologico egli è un prodotto dello sviluppo naturale. Con il suo autorealizzarsi, che ovviamente implica anche in lui stesso un arretramento della barriera naturale, quantunque non possa mai condurre alla scomparsa, al superamento totale di questa, egli in un essere nuovo, autofondato: l’essere sociale.”

ação finalista de uns homens sobre outros no sentido de criar neles disposições, vontades, comportamentos.

O que é necessário argumentar aqui, para fazer jus à linha de análise lukácsiana, é que o conjunto das atividades não econômicas constituintes da *práxis* social (campo onde se insere a educação) mantém sempre, ontologicamente, uma relação com a base material da sociedade, jamais podendo autonomizar-se absolutamente em relação a ela. Entretanto, isso não significa que esta esfera de atividades (ideológicas, políticas, educativas etc) não alcance uma independência relativa, relacionando-se com a esfera produtiva através de uma cadeia de mediações cada vez mais ampla e diversificada, inclusive assumindo poder determinativo sobre ela. As atividades embasadas nas posições teleológicas secundárias, portanto, assumem importância crescente no interior do metabolismo social *pari passu* ao desenvolvimento da sociabilidade. Para Lukács, "o processo de reprodução econômica, a partir de um estágio determinado, não poderia funcionar, nem no plano econômico, se não se formassem campos de atividades não econômicas, que tornam possível no plano do ser o desenvolvimento desse processo."<sup>21</sup>

Feita esta elucidação, resta, ainda, fixar algumas nuances que, na vida real, diferenciam a esfera de atividades que têm por fundo teleologias secundárias das atividades econômicas — atividades de trabalho no sentido estrito. Enquanto nas posições teleológicas primárias há um certo determinismo unívoco entre posição do fim e resultado final, na ação dirigida a outras consciências opera uma maior variabilidade entre a finalidade posta e o seu resultado. Nesse exato sentido, as ações dirigidas à criação de disposições nas subjetividades mostram-se

---

<sup>21</sup> Citado por Vaisman, *A ideologia...*, p. 414. Ganha em concreticidade, aqui, a afirmação mézárjana de que a relação ontológica entre base real e estrutura ideológica da sociedade só pode ser apanhada na sua interdeterminação reflexiva, onde todo complexo infraestrutural é, em si, *determinante-determinado*, isto é, complexo *movente e movido* no interior do metabolismo social. Assim diz Mézáros: "... Em uma concepção mecanicista, há uma linha de demarcação definida entre o 'determinado' e seus 'determinantes', mas não é o que ocorre no quadro de uma metodologia dialética. Nos termos dessa metodologia, embora os fundamentos econômicos da sociedade capitalista constituam os 'determinantes fundamentais' do ser social de suas classes, eles são também, ao mesmo tempo, 'determinantes determinados'. Em outras palavras, as afirmações de Marx sobre o significado ontológico da economia só fazem sentido se formos capazes de apreender sua idéia de 'interações complexas', nos mais variados campos da atividade humana. Desse modo, as várias manifestações institucionais e intelectuais da vida humana não são simplesmente 'construídas sobre' uma base econômica, mas também *estruturam* ativamente essa base econômica, através de uma estrutura própria, imensamente intrincada e relativamente *autônoma*." Ver *Filosofia, ideologia...*, p. 77.

eminentemente contraditórias, isto é, podem objetivar uma coisa e ter como resultado outra muito diferente. Discutamos mais de perto esta problemática.

O trabalho educativo, por exemplo, uma vez desenvolvido tendo por chão os estranhamentos oriundos das relações *reificadas* sob a lógica capitalista, traz em si a possibilidade de criação de subjetividades inautênticas, *jogadas aí no mundo* ao sabor do movimento das coisas. Porém, ao fornecer ao sujeito os conhecimentos necessários à manipulação desse mundo objetual, dá-lhe, também, algumas ferramentas para a construção da crítica, fornece-lhe as armas para o enfrentamento das contradições que o cercam.<sup>22</sup> De outro lado, a ação de educar tem de ater-se sempre à realidade presente, capacitando os sujeitos para moverem-se dentro das circunstâncias reais. Nesse sentido, pode-se afirmar que a educação é constituída de uma função instrumental. Logo, a ação educativa não pode se efetivar como que límpida, *desestranhada*, pois ocorre num chão constituído pelo mundo objetual, que subsume os sujeitos. Pretender que a *praxis* educativa ocorra totalmente isenta das facetas desumanizantes exibidas no curso do capitalismo é querer atuar sobre um sujeito irreal, a-histórico, não-situado; certamente, por boas que sejam as finalidades colocadas num ato educativo desse tipo, terão um resultado muito diferente e até contrário ao esperado.<sup>23</sup>

---

<sup>22</sup> É sob esse ângulo que encaramos as novas práticas organizacionais e gestionárias hoje em voga nas empresas de ponta. Claro que os objetivos presentes, por exemplo, no conjunto de políticas de RH, na formação profissional levada a cabo pelos órgãos formadores de mão-de-obra e pela própria empresa capitalista, visam ao enquadramento da dimensão subjetiva do trabalho na obtenção do lucro máximo. Claro que o interesse do capital é o controle efetivo do processo do trabalho, envolvendo-o totalmente na *frênese* expansionista, direcionando não só processos objetivos, mas também os sentimentos, os afetos, os corações e as mentes dos trabalhadores. Porém, tratar-se-ia de uma determinação absoluta esta vontade dos donos do capital? Entendemos que não. Elas são marcadas, desde o início, pela contradição basilar acima aludida: tencionam submeter o trabalho, mas fornecem-lhe armas para a construção da rebeldia; treinam para a continuação do estranhamento da vida no trabalho e na sociedade, mas não têm como assegurar *ad infinitum* a continuidade das contradições sócio-reprodutivas geradas pelo movimento excludente do capital. Até que ponto terão sucesso no seu desígnio é algo que só a prática pode mostrar. Aqui é bastante argumentar que tal processo não trata de algo inexorável que se dê num vazio de contradições. Pelo contrário, sua marca mais evidente é a contradição que assola o sistema societal atualmente.

<sup>23</sup> Cito isto a despeito de algumas práticas político-pedagógicas que, sob a justificativa da luta anti-capitalista, exibem em seus discursos e ações uma tendência ao desprezo àquilo que foi acumulado em termos de cultura, conhecimento, tecnologia etc, ao longo do doloroso processo de desenvolvimento do capital. A tais tendências subjaz uma compreensão de emancipação humana como uma conquista futura, situada num horizonte abstrato, direcionada a um futuro longínquo descolado do presente. Falta-lhes a compreensão de que a conquista da liberdade do homem trata de um processo cujo

Também em termos de durabilidade dos resultados revela-se uma diferença flagrante: nos atos de trabalho no sentido estrito (esfera produtiva) os resultados mostram-se duradouros, enquanto nas atividades que objetivam mudar as consciências dos homens o resultado, por apresentar-se dinâmico, ativo, em movimento, mostra-se mais passageiro e inconstante.

Outro fator a ser considerado, aqui, além dos já aludidos, trata do conhecimento operante nos dois casos. O processo de transformação da natureza exige um tal conhecimento do objeto que revele partes fundamentais do seu *em si*, sob pena de insucesso. Já nos atos que tencionam imprimir disposições e tendências às consciências — precisamente devido ao número e à diversidade das circunstâncias comparecentes, isto é, ao grau de complexificação do objeto — o conhecimento do seu *em-si* mostra-se muito mais difícil de alcançar. Ademais, a interveniência necessária e mais determinante de ideologias, de ontologias sociais nesses campos de atividade humana aumentam e diversificam as circunstâncias a serem apreendidas, tornando muito mais ampla sua área incognoscível.<sup>24</sup>

---

lastro é a própria processualidade real da história. Nesse sentido, trata-se de uma conquista que deve ser construída a partir mesmo da realidade presente, óbvio que se trata de um *devenir*, de uma ação dirigida para o futuro — como assim se caracteriza todo ato humano. Porém, tal processo não tem outro meio de plasmação senão a sociabilidade presente, ela mesma, com suas facetas desumanizantes, mas seu potencial universalizante e unificador, com seu potencial destrutivo, mas dotado de forças potencialmente realizadoras da humanidade do homem.

<sup>24</sup> Ver Vaisman, *A ideologia...*, pp. 414-415. Um fato deve ser realçado aqui: trata-se do prejuízo que a especialização das ciências traz às tentativas de compreensão do processo global da sociedade. Nas ciências humanas, que lidam com um objeto muito mais complexo que aquele das ciências ditas da natureza, os prejuízos da superespecialização são incomensuráveis. E isto porque tais ciências têm se recolhido no mais recôndito dos isolamentos, cada área cuidando de si mesma e cada cientista lidando com seu problema, resultando numa fragmentação muito grande da visão alcançada. Na educação, sobressaem-se orientações metodológicas de cunho psicologista para as quais os problemas colocados no campo educacional devem ser perseguidos na sua imediatidade, na sua particularidade, desconectando-o do movimento da totalidade sócio-reprodutiva. Assim é que receitas mirabolantes, que apelam ao indivíduo enquanto tal, são elaboradas e praticadas à solta, ainda que os resultados do processo educativo-formal tenham se mostrado cada vez mais preocupantes e até desalentadores. Ora, querer formar seres humanos meramente para que se tornem aptos a venderem-se no mercado não parece ser uma proposta que possa se sustentar por muito tempo. O fracasso do sistema formal de educação não é um caso isolado do movimento social global: é parte integrante de um modelo societal que demonstra, na prática, sinais de esgotamento. Assim, o recolhimento dos intelectuais e educadores meramente ao campo educacional, em busca de soluções, parece fadado ao fracasso e até condiz com a sanha destruidora do capitalismo dos últimos dias. Se o objeto da ciência da educação é tão complexo, não resta outra saída que a de tentar apanhá-lo pelo que ele realmente é.

Decisivo, aqui, é notar que devido ao grau de complexificação do objeto das atividades não econômicas (da educação, por exemplo), a diferença marcante entre a finalidade e o resultado da ação prática deve-se a uma preponderância das tendências materiais exibidas pelo movimento da sociedade. Isto revela, em termos lukácsianos, que embora exiba uma sua causalidade passível de ser apanhada em seus momentos fundamentais, o processo global da sociedade jamais pode ser dirigido teleologicamente; não se trata de uma processualidade finalisticamente guiada.

“... Isso não significa, todavia, que esse processo [de reprodução da sociedade] consiga afirmar-se sempre de modo necessário, sem ser abalado por nenhuma resistência. O fator subjetivo, resultante da reação humana a tais tendências de movimento, conserva-se sempre, em muitos campos, como um fator por vezes modificador e, por vezes, até mesmo decisivo.”<sup>25</sup>

Ora, como complexo voltado eminentemente para a criação de disposições nos indivíduos, de direção consciente e racional dos seus impulsos, de ambientes de socialidade, a educação opera precisamente no interior de uma contradição. De um lado, a educação é fruto da dinâmica social e, como tal, incorpora elementos da causalidade real, reproduzindo o *status quo* — o qual, na atualidade, avança a passos largos numa sanha destrutiva e barbarizante. Nesse sentido, ela contém momentos da realidade social que se apresentam como barreiras fortíssimas ao pôr teleológico dos sujeitos, seja pela incognoscibilidade sempre operante, seja pelas circunstâncias que possam apresentar-se como intransponíveis em determinadas situações históricas. De outro lado, a reprodução das tendências sociais dominantes no interior da educação dá-se também de forma decidida, conscientemente dirigida.<sup>26</sup>

---

Nesse sentido, só a apropriação coletiva dos conhecimentos disponíveis sobre o ser humano e a sociedade nos permite ter acesso a uma educação voltada para a emancipação do homem.

<sup>25</sup> Lukács, *As bases...*, p. 11.

<sup>26</sup> Sem dúvida que a formação humana voltada meramente para o mercado, como é tão propagandeado pelas agências oficiais inclusive ganhando o apoio declarado e/ou disfarçado de educadores antes militantes da causa anti-capitalista, representa uma direção conscientemente articulada para dar sustentáculo ideológico e prático à reprodução ampliada do capital. E quanto mais o sistema entra em colisão flagrante com as necessidades genuinamente humanas (como a vida e o trabalho, por exemplo), mais estas propagandas devem trabalhar pesado para manietar o real processo que se perfila no mundo contemporâneo. Neste caso, exatamente e na medida em que elegeram a propaganda ideológica como a realidade mesma, mais os educadores e intelectuais compromissados com os donos do poder sentirão que estão com a razão e se lançarão nas batalhas campais desarrazoadas, porém populares.

Todavia, precisamente porque é voltada para resultados futuros, dirigida por um dever-ser” e por um processo valorativo, a educação constitui espaço ótimo de construção de novas subjetividades, de individualidades ricas e autoconscientes. Nesse ponto, o processo educativo constitui elemento impulsionador do *fator subjetivo* rumo à transformação da realidade. Exatamente nesse seu momento — que é ineliminável, pois trata de uma imanência ontológica — ela contribui para a construção e o desencadear de processos revolucionários, cujo fim é romper os elos causais exibidos na forma social de produção e organização da vida humana.<sup>27</sup>

Ora, isso só nos revela o quão complexa é a *praxis* educativa quando se a compara com aquela atividade que está na base do ser social: o trabalho. Também como ocorre neste, o processo educativo exige um grau de conhecimento das estruturas fundamentais do ser sobre o qual atua, sob pena de insucesso. Porém, aqui, mais do que lá, há uma interveniência determinante de outros fatores diante dos quais o mero conhecimento do *objeto* não é garantia de sucesso da posição teleológica. Se no caso do trabalho a realização de uma posição teleológica (processo de objetivação) opera por meio de decisão entre alternativas, no complexo educativo, então, este caráter alternativo não só comparece como resvala sempre e inevitavelmente para posicionamentos ideológicos, no sentido estrito do termo. Isto quer dizer que nas sociedades classistas, a *praxis* educativa é sempre um tomar de posição a favor ou contra determinadas visões de mundo, determinadas classes e/ou grupos sociais, determinados interesses que orientam a *praxis* humana. Eis porque se pode identificar a educação como um processo eminentemente ideológico.

De outro lado, estas constatações nos demonstram a interconexão entre o complexo educativo e o movimento da sociedade como um todo, donde se revela um erro, ou um propósito cínico: querer resolver as desventuras do sistema educacional sem a devida transformação dos seus condicionantes sócio-genéricos. Nesse sentido, a educação enquanto processo amplo de formação de subjetividades autênticas tem de ser uma trincheira de luta pela emancipação humana, o que exige um posicionamento firme e consciente contra o estranhamento do trabalho e do metabolismo social, que se move sob a lógica da valorização do valor. Numa palavra, trata-se de uma decisão conscientemente direcionada contra a reificação da

<sup>27</sup> Ganham significado aqui os desdobramentos que acima fizemos sobre o ato de pôr teleológico: tanto a posição do fim como o estabelecimento dos meios e a ação prático-material só podem surgir em meio à realidade presente, operante. Não obstante, a ação desencadeada pelo trabalho é sempre modificadora, cria sempre uma nova objetividade. Pois bem, é isso que aqui se repete quando tratamos do campo educacional: a ação educativa deve capacitar os sujeitos para agirem dentro da realidade mesma, mas esta ação é sempre dirigida para uma finalidade futura, para um dever-ser. É, portanto, nesse seu caráter de *devoir* que radica a possibilidade de criação do novo a partir mesmo do que já existe, é claro.

vida humana. Isto aponta para a necessidade de uma *praxis* educativa autoconsciente, que saiba discernir entre as várias ideologias que permeiam a sociedade atual aquelas que se conectam com a liberdade real do ser humano. Isto, é óbvio, trata de uma ação que encare o homem por inteiro nas suas dimensões econômicas, éticas, estéticas, sócio-afetivas etc. Nesse exato sentido, formar meramente para a atuação nesta sociedade reificada, com efeito, para o mercado de homens e mulheres, é dar um passo a mais na escalada barbarizante.

Feitos estes desdobramentos, é bastante argumentar, resumindo, que os complexos sociais movidos por teleologias secundárias surgem como exigência da própria atividade do trabalho (atividade econômica). No entanto, tais complexos não se reduzem e não se prendem à base produtiva de forma direta e mecânica. Trata-se de uma relação mediada por cadeias causais reais, dotadas de contradições internas. Isto quer dizer que aquela esfera de atividades ditas superestruturais — dentre elas, a educação — exerce poder determinativo no interior do metabolismo sócio-reprodutivo, podendo estar a serviço da manutenção ou da transformação do *status quo* — a depender das forças reais em comparecimento.

No que concerne à educação, as análises aqui feitas desembocaram na constatação de que se trata de um processo eminentemente ideológico em cujo cotidiano se colocam sempre decisões orientadas para a manutenção ou para a transformação da realidade presente. A ação transformadora no interior da educação tem de levar em conta, portanto, esta sua conexão ineliminável com o metabolismo sócio-reprodutivo, não podendo esgotar-se em si mesma.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERTOLDO, Maria Edna de Lima. *Relação trabalho/educação numa perspectiva ontológica marxiana*, In *Anais do XIII EPEN*, v. 13, Natal/RN: EDUFRN, 1997.
- FREDERICO, Celso. *O jovem marx (1843-44: as origens da ontologia do ser social)*. São Paulo: Cortez, 1995.
- LESSA, Sérgio. *A ontologia de Lukács*. Maceió: Edufal, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Trabalho e ser social*. Fortaleza: UFC; Maceió: Edufal, 1997.
- LUKÁCS, György. *Ontologia dell'essere sociale*. v. II. Traduzione di Alberto Scarponi. Roma: Editori Riuniti, 1981.
- \_\_\_\_\_. *As bases ontológicas do pensamento e da atividade humana*, In *Revista Temas de ciências humanas*, 4, São Paulo: Livraria editora ciências humanas, 1978.
- MACÁRIO MOURA, Epitácio. *Trabalho, estranhamento, reificação*: ensaios de compreensão. Dissertação de mestrado, Fortaleza/CE: FACED/UFC, 1999.
- MARX, K. *O capital - crítica da economia política*. 15a. ed. L. 1, v. I. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- MÉSZÁROS, István. *Marx: a teoria da alienação*, Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

\_\_\_\_\_. Filosofia, ideologia e ciência social: ensaios de negação e afirmação. São Paulo: Ensaio, 1993.

VAISMAN, Ester. *A ideologia e sua determinação ontológica*, In Revista Ensaio 17/18, São Paulo: Ensaio, 1989.